

O HUMANISMO DE EDWARD SAID: NOVOS USOS SEM VELHOS ABUSOS

João Vianney Cavalcanti Nuto*

“É abuso do humanismo que desacredita alguns dos praticantes
do humanismo
sem desacreditar o próprio humanismo.”

(Edward Said)

SAID, E. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução: Isaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Em ensaio famoso, T. S. Eliot afirma que nenhum escritor tem pleno significado sozinho. Assim, compreendemos melhor o pensamento de Edward Said à luz do panorama dos estudos literários dos Estados Unidos no século XX: uma persistente tradição de crítica impressionista, herança da Inglaterra; o surgimento do *New Criticism*, com sua proposta de leitura cerrada, concentrada nos elementos formais do texto, como reação a todas as correntes críticas do século XIX; os estudos culturais; a desconstrução; os estudos relacionados com as representações de minorias como os estudos da mulher, o *gay and lesbian studies*, a crítica pós-colonial; a assimilação de teorias francesas em muitos desses estudos. Mas a recíproca é indispensável: os Estados Unidos e o mundo globalizado não seriam tão bem compreendidos sem a crítica de Edward Said. Sua própria condição de intelectual norte-americano filho de palestinos, nascido em Jerusalém, já diz muito sobre o multiculturalismo da sociedade norte-americana. Mas

Mestre em Literatura Norte-Americana pela Universidade Federal da Paraíba; Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo; Professor Adjunto de Teoria da Literatura na Universidade de Brasília; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

também sua crítica pós-colonial e seu engajamento em prol da causa palestina denuncia as desigualdades da globalização conduzida pela hegemonia norte-americana. No plano da política interna, suas críticas denunciam as exclusões simbólicas subjacentes à aparente tolerância da sociedade norte-norte americana com as outras etnias que compõem o seu *melting pot*.

Humanismo e crítica democrática, último livro de Edward Said, confirma essa trajetória de crítica cultural e política. O livro reúne conferências proferidas na Universidade de Columbia, no King's College e na Universidade de Oxford, que resultaram em cinco densos ensaios, unificados por uma preocupação central: o lugar e o papel das humanidades no mundo contemporâneo e a função política do humanista.

A preocupação de Said com a revitalização do humanismo opõe-se o viés anti-humanista de pensadores que – inspirados em Foucault e Lyotard –, reafirmam a “morte do sujeito” e o fim das “grandes narrativas totalizadoras”. Embora tenha contribuído para a introdução da filosofia francesa contemporânea (incluindo os autores citados) no mundo acadêmico dos Estados Unidos, Said defende a manutenção de certos ideais humanistas como base para uma atitude engajada contra a alienação e a exclusão. Por outro lado – em consonância com as teorias pós-modernas –, Said rejeita o humanismo conservador, que consiste no elitismo e o etnocentrismo, na veneração do cânone ocidental (com exclusão contribuição de outras tradições), na celebração nada crítica do gênio individual e na clausura acadêmica.

O um dos alvos favoritos de Said é aquele comportamento que Bourdieu classifica de sacerdotal: o professor como um guardião zeloso da ortodoxia acadêmica. Nos Estados Unidos, esse comportamento é acentuado por aqueles que defendem o humanismo limitado à *liberal education*: a formação de pessoas que se distinguem socialmente pela aquisição acadêmica da cultura erudita. Neste sentido, Said opõe-se com firmeza aos defensores intransigentes da *liberal education*, como Allan Bloom e Harold Bloom. A visão de Said é diametralmente oposta à de Harold Bloom, o qual desqualifica tudo que destoa da consagração canônica ocidental como “escola do ressentimento”. Em resposta a essa ideologia, Said enfatiza o caráter multicultural da sociedade norte-americana, bem como o multiculturalismo crescente no mundo todo, não transparece nas concepções etnocêntricas do humanismo canônico.

A esse tipo de comportamento é que Said atribui o desprestígio contemporâneo das humanidades, atacadas, pela esquerda, por seu conser-

vadorismo; desvalorizadas, por setores da direita, por sua obsolescência como saber pragmático. Contudo, longe de rejeitar o humanismo em si, Said propõe sua revitalização em forma de um humanismo “mundano”, livre das restrições da clausura acadêmica. Essa revitalização consiste antes de tudo no diálogo com tradições para nosso auto-conhecimento, por meio do olhar e do reconhecimento da contribuição do outro (caso, por exemplo, da influência árabe na Idade Média européia). Essa abertura para outras culturas tem conseqüências políticas que não devem ser ignoradas. Implica uma ruptura com o etnocentrismo ocidental não apenas no estudo acadêmico do cânone, mas também nas próprias relações do Ocidente com outros povos, sendo também uma crítica às influências ideológicas e estruturais do colonialismo. Implica também, em uma visão sincrônica que ultrapassa os muros da academia, a contribuição desse conhecimento para debater ações políticas concretas como a guerra dos Estados Unidos com o Iraque, a posição hegemônica dos Estados Unidos no contexto mundial, as exclusões promovidas pela globalização e pelo neoliberalismo. No que se refere à sociedade norte-americana, o humanismo mundano de Edward Said defende uma visão não-etnocêntrica em relação às demais etnias que compõem essa sociedade, condenando um processo em que os direitos políticos garantidos pela democracia norte-americana são permeados por uma série de exclusões simbólicas que tendem, sutilmente, a reafirmar o papel subordinado desses grupos. Trata-se, portanto, de um reconhecimento mais efetivo do caráter multi-étnico da sociedade norte-americana. Cabe ao humanismo fornecer a base crítica para um debate cultural e político consistente, como forma de combater as frases feitas e as idéias pré-fabricadas veiculadas pela mídia. A formação humanista, longe de servir apenas para um distanciamento esnobe da vulgaridade mundana, deve ser um instrumento para uma participação política mais efetiva na sociedade.

Outro aspecto importante do pensamento de Edward Said é a sua concepção da história (no sentido de ação humana no tempo e no espaço) como uma construção permanente por homens e mulheres, sem determinismos de origem divina (como os fundamentalismos religiosos), nem sistêmica (como as influências aparentemente impessoais e neutras do mercado). Humanista é o estudo das realizações humanas realizadas em condições condicionadas, mas não determinadas, por contingências políticas, econômicas e culturais, que devem sempre ser bem analisadas e esclarecidas. Neste sentido, o humanista deve estar sempre alerta para os aspectos excludentes

da religião, do nacionalismo e das estruturas sociais e simbólicas. Assim, cabe ao humanista uma crítica consistente a certos ideólogos que pregam coisas como o “fim da história”, ou contribuem para reforçar uma visão maniqueísta do mundo como palco de choque de civilizações, ignorando que as fronteiras culturais, além de separarem, podem também promover o diálogo.

Todos esses aspectos são reafirmados com mais ênfase no último ensaio de Humanismo e crítica democrática, intitulado “O Papel Público dos Escritores e dos Intelectuais”. Nele, Said reitera a necessidade de aproximação entre o acadêmico e o público mundano, mas alerta para as possibilidades de cooptação no que diz respeito à conformação à superficialidade da mídia e à busca da visibilidade como um fim em si mesmo. Para Said, a prática humanista envolve também preocupações estilísticas. Por isto, o autor defende uma prosa clara e condena o hermetismo do jargão universitário, como também condena o sectarismo das abordagens acadêmicas (o qual, muitas vezes, se trata de limitação disfarçada de preferência). O humanista deve ser um fomentador do debate crítico tanto no âmbito da academia como na sociedade. Para isto, ainda que se dedique a alguma especialização acadêmica, deve ter a visão mais larga que a do especialista e também ser capaz de escrever para um público mais largo.

Tendo em vista essas concepções, parece estranho que Said defenda a volta à filologia, muitas vezes vista como um estudo estéril e antiquado, limitado à evolução dos sentidos das palavras. No entanto, Said dedica dois ensaios à disciplina. Um tem o título sugestivo de “Regresso à Filologia” e um outro é uma homenagem e um balanço crítico do livro *Mimesis*, de Erich Auerbach. Essa atenção à filologia deve-se ao fato de que Said, ao defender um humanismo mundano, não descarta de certos aspectos acadêmicos da prática humanista. Quando à noção de filologia como mera curiosidade de antiquário, Said lembra que Nietzsche, opositor feroz do comportamento antiquário, tinha formação de filólogo. Mais que um estudo diacrônico das línguas, a filologia, para Said, é um instrumento para a leitura aprofundada de textos, um auxiliar valioso da atividade hermenêutica, que deveria substituir a leitura apressada e rotineira dos clássicos. A filologia parece distante do humanismo mundano proposto por Said. A esse respeito, convém lembrar que a militância humanista não implica negligenciar o labor acadêmico, incluindo o recolhimento necessário, para a análise minuciosa, dos textos, desde que esse recolhimento não chegue ao extremo da clausura

espiritual. Sem o ritmo lento da reflexão profunda, o humanista será engolido pela superficialidade e contribuirá para disseminação nada crítica das idéias pré-fabricadas que tem obrigação de criticar. Por mais militante que seja, a *práxis* humanista não pode descurar do estudo paciente de textos antigos e modernos, pois é esse comportamento, cada vez mais difícil de ser exercido fora da academia, que permitirá uma participação mais crítica no debate público.

O elogio a *Mimesis*, de Auerbach, segue a mesma linha de pensamento. (...) Said admira a formação filológica profunda de Auerbach e o seu cosmopolitismo, mas propõe um tipo de cosmopolitismo que – empenhado em compreender a outra cultura, como forma de ter uma visão mais crítica da própria –, não se limite às fronteiras dessa grande comunidade imaginada, que é o Ocidente. Said destaca, na obra de Auerbach, a influência do historicismo de Vico, da hermenêutica alemã e da filosofia de Dilthey; além da vasta e profunda erudição, que, no entanto é em apresentada em tom despretencioso. Em *Mimesis*, síntese de anos de pesquisa, Said encontra, mais que a simples acumulação de erudição, anos de esforços pacientes a serviço da compreensão profunda de textos antigos e contemporâneos. Mas também descobre um intelectual atento às conseqüências do nazismo, ao qual alune em sua obra. Além disso, Said identifica-se com a situação de Auerbach: um judeu, mas profundo conhecedor da influência cristã na cultura européia; alemão, mas estudioso das literaturas latinas; soldado do exército prussiano que nunca deixou de valorizar a cultura do inimigo (a França); acadêmico de experiência mundana, que escreveu sua obra no exílio em Istambul, antes de continuar sua carreira acadêmica nos estados unidos; enfim um humanista que nunca se deixou limitar pela especialização universitária nem pelo jargão acadêmico, muito menos pela adoção automática de alguma teoria da moda.

A concepção de humanista apresentada em *Humanismo e crítica democrática* corresponde àquela de intelectual defendida e vivida por Jean-Paul Sartre: alguém que se vale do seu prestígio em qualquer área do saber para influir no debate público, com uma crítica radical, acima de lealdades partidárias, uma voz incômoda e, por isso mesmo, necessária. Com sua atividade crítica e sua militância política, Edward Said ilustra essa concepção, ao lado de nomes como Noan Chomsky e Susan Sontag. Sua crítica, assim como a de Pierre Bourdieu, autor comentado algumas vezes na sua obra, também não pouca os silêncios nem as exclusões do meio acadêmico.